

A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM QUESTÃO: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E PROPOSTAS DE RESSIGNIFICAÇÃO PEDAGÓGICA

William Asaph Yanraphel da Silva Souza¹
Henrique Lacerda Nieddermeyer²
Ana Júlia de Souza Martins³
José Roberto Cezar⁴
Wellington Teixeira da Costa⁵

Resumo

A expansão da cultura digital, associada ao acesso ampliado à informação e à emergência de novas tecnologias educacionais, modificou o perfil dos estudantes e ampliou expectativas relacionadas à participação ativa, personalização da aprendizagem e integração de recursos tecnológicos nos processos educativos. Além disso, o avanço da inteligência artificial introduziu novas possibilidades e desafios para a educação superior, influenciando práticas pedagógicas, produção acadêmica, avaliação e construção do conhecimento. Embora essas tecnologias ampliem oportunidades de inovação, também suscitam discussões acerca da ética, autoria, criticidade e formação humana, reforçando a necessidade de reflexão sobre os limites e potencialidades da incorporação tecnológica no ambiente universitário. Diante desse cenário, torna-se necessário discutir a docência universitária sob uma perspectiva de ressignificação pedagógica, compreendendo o papel do professor para além da transmissão do saber, como mediador da aprendizagem, promotor da autonomia discente e articulador de experiências educativas significativas. Desse modo, o presente estudo objetiva analisar os desafios contemporâneos da docência no ensino superior, problematizando limites das práticas pedagógicas tradicionais e discutindo contribuições de metodologias inovadoras, tecnologias digitais e inteligência artificial para construção de processos educativos mais críticos, participativos e alinhados às demandas da sociedade contemporânea. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida a partir da análise crítica de produções científicas relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Docência universitária. Ensino superior. Inovação pedagógica.

¹ Bacharel em Jornalismo. Pós-graduando em Estratégia Empresarial pela Universidade de Marília. E-mail: williamasaph@hotmail.com

² Bacharel em Administração. MBA em Gestão Empresarial. Mestre em Gestão do Conhecimento. Doutor em Direito. Coordenador de pós-graduações da Universidade de Marília. E-mail: henriquelacerda@unimar.br

³ Tecnóloga em Processos Gerenciais. Pós-graduada em Tecnologia e Educação a Distância pela Universidade de Marília. E-mail: anamartins@unimar.br

⁴ Bacharel em Ciências Contábeis. Especialista em Teologia. Mstre em Administração. Tutor da Universidade de Marília. E-mail: josecezar@unimar.br

⁵ Licenciado em Educação Física. Especialista em Treinamento Físico e Desportivo. Docente da Universidade de Marília. E-mail: wellingtoncosta@unimar.br

Abstract

The expansion of digital culture, associated with broader access to information and the emergence of new educational technologies, has changed the profile of students and increased expectations regarding active participation, personalized learning, and the integration of technological resources into educational processes. Furthermore, advances in artificial intelligence have introduced new possibilities and challenges for higher education, influencing pedagogical practices, academic production, assessment processes, and knowledge construction. Although these technologies expand opportunities for innovation, they also raise discussions concerning ethics, authorship, critical thinking, and human development, reinforcing the need for reflection on the limits and potential of technological incorporation within the university environment. In this context, it becomes necessary to discuss university teaching from the perspective of pedagogical re-signification, understanding the role of the professor beyond knowledge transmission, as a learning mediator, promoter of student autonomy, and facilitator of meaningful educational experiences. Therefore, this study aims to analyze contemporary challenges of teaching in higher education by problematizing the limitations of traditional pedagogical practices and discussing the contributions of innovative methodologies, digital technologies, and artificial intelligence to the construction of more critical, participatory, and socially responsive educational processes. This is a bibliographic, qualitative, exploratory, and descriptive study developed through the critical analysis of scientific productions related to the topic.

Keywords: University teaching. Higher education. Pedagogical innovation.

1. Introdução

Tradicionalmente, grande parte do ensino superior estruturou-se em modelos pedagógicos centrados na transmissão de conteúdos, na exposição oral do professor e na participação predominantemente receptiva dos estudantes. Embora tais práticas tenham contribuído historicamente para consolidação da educação universitária, tornam-se progressivamente insuficientes diante das demandas contemporâneas relacionadas à formação integral dos sujeitos e à preparação para contextos profissionais altamente dinâmicos.

O avanço da cultura digital intensificou ainda mais esse processo de transformação. O acesso ampliado à informação modificou o perfil discente, ampliando expectativas relacionadas à personalização da aprendizagem, participação ativa e utilização de recursos tecnológicos no processo educativo. O professor universitário deixa gradativamente de ocupar exclusivamente o papel de transmissor do conhecimento para assumir funções de mediação, orientação crítica e facilitação da aprendizagem.

Além da expansão das tecnologias digitais, o desenvolvimento recente da inteligência artificial (IA) introduziu novos desafios ao ensino superior. Ferramentas inteligentes passaram a influenciar processos de escrita acadêmica, produção de conteúdos, avaliação automatizada, análise de dados e personalização do ensino. Embora ampliem possibilidades pedagógicas, tais recursos suscitam debates relacionados à ética, autoria intelectual, confiabilidade das informações e formação crítica dos estudantes. Nesse cenário, torna-se evidente que a incorporação tecnológica ao ensino demanda mais do que domínio operacional; exige reflexão crítica sobre impactos sociais, pedagógicos e éticos dessas transformações.

A adoção de práticas pedagógicas inovadoras não ocorre sem desafios, pois muitos docentes universitários foram formados em contextos educacionais tradicionais e enfrentam dificuldades relacionadas à incorporação de metodologias ativas, uso estratégico de tecnologias digitais e desenvolvimento de competências pedagógicas compatíveis com novas demandas formativas. A necessidade de formação continuada, adaptação metodológica e letramento digital tornou-se elemento central para atuação docente contemporânea.

Diante desse contexto, emerge a seguinte problemática de pesquisa: de que maneira as transformações tecnológicas, a expansão da cultura digital e a emergência de metodologias inovadoras têm influenciado a ressignificação da docência universitária e quais desafios se impõem à construção de práticas pedagógicas significativas no ensino superior contemporâneo? Tal questionamento torna-se relevante diante da necessidade de compreender os limites dos modelos tradicionais de ensino e as possibilidades de construção de práticas educativas mais participativas, críticas e alinhadas às demandas sociais atuais.

A partir dessa problemática, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as transformações ocorridas no ensino superior e seus impactos sobre a prática docente universitária, discutindo os limites dos modelos tradicionais de ensino e as contribuições de metodologias inovadoras, tecnologias digitais e inteligência artificial para a construção de aprendizagens significativas. Especificamente, busca-se compreender os desafios contemporâneos da docência universitária, identificar elementos relacionados à crise das práticas pedagógicas tradicionais e discutir estratégias voltadas à ressignificação do processo educativo no contexto da educação superior.

Quanto aos aspectos metodológicos, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, natureza exploratória e descritiva, desenvolvida a partir da análise crítica de produções científicas nacionais e internacionais relacionadas ao ensino superior, formação docente, metodologias ativas, cultura digital, inteligência artificial e inovação pedagógica. A pesquisa bibliográfica permite reunir contribuições teóricas relevantes para compreensão aprofundada do fenômeno investigado, favorecendo identificação de tendências, desafios e perspectivas contemporâneas sobre a docência universitária. O levantamento teórico foi realizado por meio de livros, artigos científicos, teses, documentos institucionais e produções recentes da área educacional, privilegiando autores que discutem educação crítica, inovação metodológica e transformações da prática docente.

Como hipótese orientadora, parte-se do entendimento de que a superação das limitações do modelo tradicional de ensino depende da adoção de práticas pedagógicas mais colaborativas, interdisciplinares e centradas no estudante, associadas ao uso crítico e ético das tecnologias digitais. Nesse processo, a atuação docente permanece essencial, não mais limitada à transmissão do conhecimento, mas ampliada para mediação, orientação e promoção do desenvolvimento integral dos estudantes.

Portanto, compreende-se que discutir os desafios contemporâneos da docência universitária representa uma necessidade urgente diante das transformações que atravessam o ensino superior. Espera-se que as reflexões apresentadas contribuam para ampliar debates sobre inovação pedagógica, formação docente e construção de experiências educativas capazes de articular desenvolvimento técnico, pensamento crítico e compromisso social. Conclui-se, preliminarmente, que o futuro da educação superior dependerá menos da simples incorporação tecnológica e mais da capacidade institucional e docente de integrar inovação, ética e humanização nos processos de ensino e aprendizagem.

2. Transformações no ensino superior e os novos desafios da docência universitária

As transformações ocorridas no ensino superior nas últimas décadas têm alterado profundamente a forma como o conhecimento é produzido, compartilhado e

apropriado pelos estudantes. Mudanças econômicas, avanços tecnológicos, globalização da informação e novas formas de sociabilidade digital passaram a influenciar diretamente os modelos educacionais, exigindo das universidades revisão constante de currículos, metodologias e práticas docentes. O ensino superior contemporâneo já não se organiza exclusivamente em torno da transmissão de conteúdos, mas busca desenvolver competências críticas, criatividade, resolução de problemas complexos e capacidade de aprendizagem contínua (Moran, 2018; Kenski, 2021).

Nesse cenário, a universidade passa a enfrentar o desafio de responder às demandas de uma sociedade caracterizada pela rapidez da circulação informacional, pela conectividade permanente e pela presença crescente das tecnologias digitais em todas as esferas da vida social. Conforme argumenta Moran (2018, p. 11), “aprendemos em múltiplos espaços e tempos”, indicando que os ambientes formais deixaram de monopolizar a produção do conhecimento. Tal mudança implica reconhecer que o estudante universitário contemporâneo possui experiências formativas mediadas por plataformas digitais, redes sociais e sistemas inteligentes, alterando suas expectativas sobre o processo educativo (Moran, 2018).

A chamada cultura digital modificou significativamente as relações pedagógicas no ensino superior. Segundo Kenski (2021), as tecnologias não representam apenas instrumentos complementares ao ensino, mas elementos estruturantes de novas formas de interação, aprendizagem e produção científica. Desse modo, professores deixam de atuar exclusivamente como transmissores do saber para assumirem funções relacionadas à mediação, curadoria de informações e orientação crítica do conhecimento. Esse deslocamento exige o desenvolvimento de competências pedagógicas que integrem tecnologia, ética e reflexão crítica (Kenski, 2021).

A expansão da educação digital foi intensificada após o período pandêmico, quando instituições de ensino superior precisaram adaptar rapidamente suas práticas para ambientes virtuais. O crescimento do ensino remoto emergencial impulsionou posteriormente modelos híbridos de aprendizagem, combinando experiências presenciais e digitais. Esse movimento consolidou novas possibilidades pedagógicas, mas também ampliou desigualdades relacionadas ao acesso tecnológico, formação docente e infraestrutura institucional (Arruda, 2020).

O ensino híbrido surge como uma alternativa capaz de flexibilizar percursos

formativos, permitindo maior personalização do aprendizado e autonomia estudantil. Entretanto, sua implementação eficiente depende de planejamento pedagógico consistente. Não basta transferir conteúdos para plataformas digitais; torna-se necessário reorganizar estratégias didáticas, formas de avaliação e interação professor-estudante. Como destaca Bacich e Moran (2018), o ensino híbrido pressupõe integração intencional entre atividades presenciais e online, promovendo participação ativa dos estudantes no processo educativo.

Além das transformações decorrentes da digitalização do ensino, a emergência da inteligência artificial (IA) representa um dos fenômenos mais disruptivos para a educação superior contemporânea. Ferramentas baseadas em IA passaram a auxiliar processos de escrita acadêmica, produção de conteúdos, tradução, análise de dados, correção automatizada e tutoria personalizada. Tais recursos ampliam possibilidades pedagógicas, mas também levantam questionamentos éticos relacionados à autoria, integridade acadêmica e substituição parcial da mediação humana no ensino. Estudos recentes apontam que a IA tende a modificar significativamente os processos de aprendizagem e avaliação universitária (Tostes e Beleti Junior, 2025).

A inteligência artificial pode favorecer personalização do ensino, geração automática de feedbacks, apoio à pesquisa e acompanhamento individualizado do desempenho discente. Contudo, os mesmos estudos alertam para riscos associados à dependência tecnológica, vieses algorítmicos e fragilização da formação crítica dos estudantes. Nesse sentido, o desafio contemporâneo não reside apenas em incorporar tecnologias, mas em desenvolver competências para seu uso ético e reflexivo (Henning et al., 2023).

Ao discutir os impactos da inteligência artificial na educação há uma forte projeção de que o papel do professor tende a se transformar, e não desaparecer. A mediação humana permanece essencial para construção do pensamento crítico, desenvolvimento socioemocional e formação ética dos estudantes. Habilidades como empatia, criatividade, julgamento moral e sensibilidade contextual permanecem dificilmente substituíveis por sistemas automatizados. É crescente a necessidade de letramento em inteligência artificial entre docentes universitários, pois tal competência envolve compreender potencialidades, limites e implicações éticas dessas tecnologias para utilizá-las criticamente no ensino. O domínio técnico isolado mostra-se insuficiente; torna-se indispensável desenvolver capacidade analítica sobre impactos

sociais da automação educacional (Henning et al., 2023)

Cada vez mais é perceptível a crescente transformação digital das instituições de ensino superior, as quais têm investido em ambientes virtuais integrados, sistemas inteligentes de gestão acadêmica e plataformas adaptativas de aprendizagem. Contudo, processos de transformação digital exigem mudanças organizacionais amplas, envolvendo governança institucional, formação continuada e redefinição de modelos pedagógicos. A digitalização universitária não se limita à adoção tecnológica, mas implica reconfiguração estratégica do próprio papel da instituição diante da sociedade contemporânea (Jacociunas; Verschoore; Monticelli, 2024).

Essas mudanças ampliam significativamente as exigências relacionadas à formação docente universitária. O professor contemporâneo necessita articular conhecimentos específicos da área de atuação, competências pedagógicas, domínio tecnológico e capacidade de inovação metodológica. Conforme aponta Pimenta e Anastasiou (2014), a docência universitária ultrapassa o domínio do conteúdo disciplinar, exigindo compreensão aprofundada dos processos de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, a formação continuada assume caráter estratégico. A rápida evolução tecnológica torna insuficiente uma formação inicial centrada em modelos tradicionais de ensino. Professores precisam atualizar-se constantemente para lidar com metodologias ativas, ambientes digitais, ferramentas de IA e novas formas de avaliação da aprendizagem. Essa necessidade permanente de adaptação configura um dos principais desafios da carreira docente no século XXI (Masetto, 2018).

As metodologias ativas ganham destaque nesse processo ao favorecer protagonismo discente, aprendizagem baseada em problemas, projetos colaborativos e construção coletiva do conhecimento. Tais abordagens tendem a aproximar o ensino superior das competências demandadas pelo mundo contemporâneo, como autonomia intelectual, pensamento crítico e criatividade. Entretanto, sua implementação requer preparo docente, tempo institucional e mudança cultural nas universidades (Bacich; Moran, 2018).

Nesse preâmbulo, as transformações do ensino superior revelam que o futuro da docência universitária dependerá menos da capacidade de competir com tecnologias e mais da habilidade de integrá-las criticamente aos processos educativos. O professor permanece central na formação humana, ética e cidadã,

atuando como mediador do conhecimento em uma sociedade marcada pela abundância informacional e pela crescente presença da inteligência artificial. Assim, os desafios contemporâneos da docência exigem equilíbrio entre inovação tecnológica, sensibilidade pedagógica e compromisso com uma educação crítica e emancipatória.

3. Limites do modelo tradicional de ensino e crise das práticas pedagógicas no contexto universitário

As transformações sociais, econômicas, tecnológicas e culturais das últimas décadas têm provocado mudanças profundas nos processos educacionais e nas exigências direcionadas às instituições de ensino superior. O acesso ampliado à informação, a intensificação das tecnologias digitais e as novas configurações do mundo do trabalho passaram a demandar profissionais com capacidade crítica, autonomia intelectual, flexibilidade e habilidades para resolver problemas complexos. Nesse contexto, os modelos tradicionais de ensino, historicamente estruturados na centralidade do professor e na transmissão unilateral do conhecimento, passaram a ser questionados quanto à sua eficácia na formação de sujeitos críticos e preparados para os desafios contemporâneos.

Embora a universidade tenha desempenhado papel fundamental na produção e disseminação do conhecimento científico, persistem práticas pedagógicas marcadas pela exposição oral prolongada, memorização de conteúdos e avaliações centradas na reprodução do saber. Tais características evidenciam uma crise pedagógica relacionada à dificuldade de adaptação do ensino superior às demandas da sociedade contemporânea.

O ensino tradicional fundamenta-se, em grande medida, na lógica instrucionista, em que o professor ocupa posição central como detentor do conhecimento e o estudante assume função predominantemente receptiva. Essa configuração tende a limitar o protagonismo discente e reduzir oportunidades de construção ativa do conhecimento.

Ao discutir as relações educativas, Freire (2021, p. 80) critica fortemente a concepção bancária de educação, caracterizada pela simples transferência de informações aos estudantes. Segundo o autor: “na visão ‘bancária’ da educação, o

‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”. Essa perspectiva reforça relações verticalizadas de ensino e reduz o potencial emancipatório da educação.

O próprio autor complementa que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2021, p. 24). A reflexão proposta por Freire torna-se especialmente relevante no ensino superior contemporâneo, em que a abundância de informações exige menos memorização e mais capacidade de análise, interpretação e produção do conhecimento.

Segundo Moran (2018, p. 3), a aprendizagem significativa ocorre quando os estudantes assumem papel ativo no processo educativo, interagindo criticamente com problemas reais. “Aprendemos melhor quando participamos de forma ativa, quando experimentamos, pesquisamos, discutimos e criamos”. Contudo, em muitos cursos superiores, observa-se a permanência de metodologias excessivamente expositivas, nas quais a participação discente permanece limitada. Essa condição pode favorecer desmotivação, passividade intelectual e baixo envolvimento com o processo educativo.

Bacich e Moran (2018, p. 15) argumentam que as metodologias centradas apenas na transmissão do conteúdo tornam-se insuficientes diante das exigências contemporâneas, afirmando que “o aluno precisa deixar de ser apenas receptor de informações para assumir papel protagonista na aprendizagem”. Desse modo, a manutenção exclusiva do ensino transmissivo tende a dificultar o desenvolvimento de competências relacionadas à autonomia, criatividade e pensamento crítico.

A construção da autonomia constitui uma das finalidades centrais da educação superior. Espera-se que o estudante universitário desenvolva capacidade investigativa, reflexão crítica e produção do conhecimento. Entretanto, práticas excessivamente tradicionais podem comprometer esse processo. Conforme afirma Demo (2021, p. 28), “aprender não é escutar aula; aprender é reconstruir conhecimento”. A perspectiva do autor reforça a compreensão de que a aprendizagem ocorre mediante participação ativa do sujeito, e não apenas pela recepção passiva de informações.

Nesse sentido, observa-se crescente preocupação com baixos índices de engajamento acadêmico em cursos superiores. Parte desse problema relaciona-se à

dificuldade de estabelecer vínculos entre conteúdos estudados e experiências concretas dos estudantes. Sobre a importância da autonomia, Freire (2021, p. 105) destaca “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões”.

Portanto, a autonomia acadêmica não se desenvolve por discursos ou prescrições, mas pela participação efetiva dos estudantes em situações de investigação, argumentação e tomada de decisão. Metodologias participativas ampliam o envolvimento discente e fortalecem competências socioemocionais e cognitivas (Nascimento; Silva; Silva, 2023). Estratégias como aprendizagem baseada em problemas, estudos de caso e sala de aula invertida apresentam potencial para estimular maior responsabilidade dos estudantes sobre o próprio aprendizado.

A avaliação representa dimensão essencial do processo educativo, influenciando diretamente comportamentos de estudo e formas de aprendizagem. Apesar disso, muitos modelos avaliativos permanecem centrados em provas conteudistas e memorização. Luckesi (2011, p. 18), ao discutir a cultura da avaliação escolar, afirma “a prática da avaliação da aprendizagem escolar, em nosso país, tem sido exercida mais como mecanismo de classificação do que como instrumento de melhoria da aprendizagem”.

Embora a reflexão do autor tenha sido inicialmente desenvolvida em contexto mais amplo da educação, ela permanece atual para análise do ensino superior, onde frequentemente predominam avaliações quantitativas e classificatórias. A centralidade da nota pode favorecer aprendizagem superficial, voltada exclusivamente à aprovação acadêmica. Nesse cenário, o conhecimento tende a ser temporariamente assimilado e rapidamente esquecido após os processos avaliativos.

Nesse contexto, Hoffmann (2019, p. 21) argumenta que “avaliar é acompanhar, compreender e favorecer o desenvolvimento do educando”. A autora propõe compreensão da avaliação como processo contínuo e formativo, afastando-se da lógica exclusivamente punitiva ou classificatória. Experiências recentes em instituições brasileiras indicam que avaliações baseadas em projetos, portfólios, autoavaliação e metodologias gamificadas podem ampliar participação discente e aprofundamento crítico (Sancinetti; Xavier, 2023). Essas práticas favorecem aprendizagem mais significativa ao aproximar avaliação e desenvolvimento.

Portanto, repensar os mecanismos avaliativos torna-se condição necessária para superação da aprendizagem superficial frequentemente associada ao ensino tradicional. Outro limite importante do modelo tradicional refere-se ao afastamento entre formação universitária e exigências contemporâneas da sociedade e do mundo do trabalho. Em muitos contextos, observa-se predomínio de currículos fragmentados, excessivamente teóricos e pouco articulados às necessidades concretas da atuação profissional. Segundo Pimenta e Anastasiou (2014, p. 203), “ensinar na universidade supõe preparar o aluno para produzir conhecimentos, analisar criticamente informações e intervir na realidade social”.

A formação superior, portanto, não deve restringir-se à transmissão de conteúdos técnicos, mas envolver desenvolvimento ético, crítico e social. As rápidas transformações tecnológicas ampliaram ainda mais a necessidade de competências relacionadas à criatividade, resolução de problemas complexos, comunicação e adaptação permanente. Nesse cenário, modelos educativos excessivamente centrados na reprodução de conteúdos tendem a apresentar limitações. Moran (2018, p. 5) afirma que, “o mundo exige profissionais mais criativos, colaborativos, empreendedores e preparados para aprender continuamente”.

A universidade contemporânea é desafiada, portanto, a aproximar teoria e prática, conhecimento científico e realidade social, formação técnica e compromisso cidadão. Os limites do modelo tradicional de ensino evidenciam tensões importantes no contexto universitário contemporâneo. A centralidade da transmissão do conteúdo, as dificuldades relacionadas ao engajamento discente, a permanência de avaliações classificatórias e o distanciamento entre formação acadêmica e demandas sociais indicam a necessidade de revisão das práticas pedagógicas predominantes. Isso não significa abandono absoluto das abordagens tradicionais, mas aponta para necessidade de ressignificação da docência universitária. Metodologias ativas, avaliações formativas e práticas pedagógicas centradas no protagonismo estudantil apresentam potencial para construção de processos educativos mais críticos, participativos e alinhados às exigências da sociedade contemporânea.

4. Ressignificação da prática docente: metodologias inovadoras e construção de aprendizagens significativas

As transformações sociais, tecnológicas e culturais das últimas décadas têm provocado mudanças profundas nos processos educativos, exigindo revisão

constante das práticas docentes no ensino superior. O modelo tradicional, centrado na transmissão unilateral do conhecimento, mostra-se insuficiente diante das demandas contemporâneas relacionadas à formação crítica, à resolução de problemas complexos e ao desenvolvimento de competências socioemocionais e digitais. Nesse cenário, a docência universitária passa por um processo de ressignificação, deslocando-se de uma atuação predominantemente expositiva para uma prática mediadora, colaborativa e orientada à construção ativa do conhecimento (Moran, 2018; Masetto, 2018).

A necessidade de redefinir o papel docente está associada às novas características dos estudantes, que vivem em contextos fortemente marcados pela cultura digital, pelo acesso ampliado à informação e pela multiplicidade de linguagens comunicacionais. Conforme afirma Moran (2018, p. 2), “aprendemos melhor quando participamos ativamente do processo”, evidenciando a importância de metodologias que promovam engajamento, autonomia e protagonismo discente. Assim, o professor deixa de ocupar exclusivamente a posição de detentor do saber para atuar como facilitador dos processos de aprendizagem (Moran, 2018).

Nesse contexto, as metodologias ativas de aprendizagem assumem relevância crescente na educação superior por favorecerem participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento. Diferentemente das abordagens tradicionais, essas metodologias valorizam investigação, problematização, colaboração e tomada de decisões. Estratégias como Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem Based Learning – PBL), sala de aula invertida, estudos de caso, gamificação e aprendizagem baseada em projetos têm sido amplamente utilizadas para estimular pensamento crítico e autonomia intelectual (Bacich; Moran, 2018).

As metodologias ativas fundamentam-se no pressuposto de que o aprendizado torna-se mais significativo quando o estudante participa diretamente da elaboração de soluções para situações reais. Conforme destacam Bacich e Moran (2018, p. 15), “a aprendizagem ativa aumenta a flexibilidade cognitiva, a autonomia e a capacidade de colaboração”. Dessa forma, o ensino superior amplia sua função para além da transmissão de conteúdos, passando a favorecer competências relacionadas à criatividade, comunicação, liderança e resolução de problemas complexos (Bacich; Moran, 2018).

A implementação dessas metodologias exige transformação significativa da

prática docente. O professor necessita desenvolver competências relacionadas ao planejamento pedagógico, mediação de conflitos, organização de experiências colaborativas e avaliação formativa. Segundo Masetto (2018), ensinar no ensino superior implica compreender processos de aprendizagem, estimulando participação crítica dos estudantes e articulando teoria com prática profissional.

A docência mediadora emerge, nesse cenário, como elemento central para construção de aprendizagens significativas. Inspirada em abordagens construtivistas e socioculturais, essa perspectiva compreende o professor como sujeito responsável por criar condições para que o estudante estabeleça relações entre conhecimentos prévios e novos conteúdos. A aprendizagem deixa de ser entendida como recepção passiva de informações para tornar-se processo de interação social, reflexão e reconstrução permanente do saber (Libâneo, 2022).

Sob essa perspectiva, a colaboração assume papel estratégico no ensino superior contemporâneo. Ambientes colaborativos favorecem compartilhamento de experiências, desenvolvimento de competências interpessoais e construção coletiva do conhecimento. A aprendizagem colaborativa fortalece habilidades essenciais para o mundo do trabalho atual, marcado pela interdisciplinaridade, pelo trabalho em equipe e pela necessidade constante de inovação (Kenski, 2021).

A centralidade do estudante nos processos educativos representa outra mudança significativa na ressignificação da prática docente. Modelos pedagógicos centrados no aluno reconhecem diferentes ritmos de aprendizagem, experiências socioculturais e necessidades individuais. Essa abordagem rompe com padrões homogêneos de ensino e amplia possibilidades de personalização dos percursos formativos (Moran, 2018).

Vale destacar que, além da participação ativa dos estudantes, o ensino superior contemporâneo demanda fortalecimento de uma educação crítica voltada à compreensão das desigualdades sociais, da cidadania e das transformações do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a educação ultrapassa dimensões técnicas ou instrumentais para assumir compromisso com emancipação humana. Conforme argumenta Paulo Freire (2021, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou construção”. Tal perspectiva reforça a importância de práticas pedagógicas reflexivas e dialógicas (Freire, 2021).

A educação crítica pressupõe desenvolvimento da capacidade analítica diante

dos fenômenos sociais, políticos e tecnológicos. Em contextos marcados pela circulação massiva de informações e pela desinformação digital, torna-se essencial promover competências relacionadas ao pensamento crítico, interpretação de dados e avaliação ética do conhecimento. O papel docente amplia-se, portanto, para formação de sujeitos capazes de compreender e intervir criticamente na realidade (Libâneo, 2022).

Associada à educação crítica, a interdisciplinaridade constitui elemento relevante para responder à complexidade dos problemas contemporâneos. Questões sociais, ambientais, econômicas e tecnológicas raramente podem ser compreendidas por perspectivas isoladas do conhecimento. A interdisciplinaridade favorece integração entre áreas distintas, estimulando visão ampliada dos fenômenos estudados e fortalecendo aprendizagem significativa (Fazenda, 2019).

Segundo Fazenda (2019), práticas interdisciplinares exigem ruptura com fragmentação do conhecimento historicamente presente na educação formal. O trabalho interdisciplinar amplia possibilidades de inovação pedagógica ao incentivar diálogo entre diferentes campos científicos, aproximando teoria, prática e realidade social. Nesse contexto, ganha destaque o desenvolvimento de competências como eixo estruturante da formação universitária. Competências abrangem conhecimentos, habilidades e atitudes mobilizadas para resolução de situações complexas. O ensino superior contemporâneo busca formar profissionais tecnicamente qualificados, mas também sujeitos éticos, criativos, colaborativos e capazes de aprender continuamente ao longo da vida (Perrenoud, 2020).

Entre as competências emergentes, destacam-se alfabetização digital, pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas, comunicação e inteligência socioemocional. Essas capacidades tornaram-se especialmente relevantes diante da expansão das tecnologias digitais e da inteligência artificial nos ambientes educativos (Kenski, 2021).

A presença crescente das tecnologias digitais na educação exige reflexão crítica sobre seu uso pedagógico. Recursos digitais ampliam possibilidades de interação, flexibilização curricular, aprendizagem personalizada e acesso ao conhecimento. Contudo, sua utilização eficaz depende de intencionalidade pedagógica. O simples uso de plataformas tecnológicas não garante inovação educacional; torna-se necessário articulá-las a objetivos formativos claros e

estratégias metodológicas consistentes (Moran, 2018).

Nesse cenário, a inteligência artificial (IA) surge como uma das principais transformações recentes na educação superior. Ferramentas baseadas em IA podem auxiliar elaboração de conteúdos, personalização do ensino, análise de desempenho estudantil, produção textual e automação de tarefas acadêmicas. Pesquisas brasileiras recentes apontam potencial significativo dessas tecnologias para ampliar apoio pedagógico e favorecer aprendizagem adaptativa. Entretanto, também evidenciam desafios relacionados à ética, privacidade, autoria intelectual e dependência tecnológica (Henning et al., 2023).

O uso ético da inteligência artificial na educação exige desenvolvimento de competências críticas tanto por docentes quanto por estudantes. É necessário compreender limites dos algoritmos, riscos de vieses, possibilidades de desinformação e implicações para integridade acadêmica. O professor passa a desempenhar papel essencial na orientação dos estudantes quanto ao uso responsável dessas ferramentas, promovendo reflexão ética sobre produção e validação do conhecimento (Tostes e Beleti Junior, 2025).

Mais do que substituir a atuação humana, a inteligência artificial tende a redefinir funções docentes, valorizando competências especificamente humanas como empatia, sensibilidade ética, criatividade e mediação pedagógica. Assim, a inovação tecnológica somente produz efeitos positivos quando associada a práticas educativas comprometidas com formação integral dos sujeitos (Viegas, 2023).

Portanto, a ressignificação da prática docente no ensino superior exige integração entre metodologias inovadoras, educação crítica, interdisciplinaridade e uso estratégico das tecnologias digitais. O desafio contemporâneo consiste em construir experiências formativas capazes de articular desenvolvimento técnico, reflexão ética e compromisso social. Nesse processo, o professor permanece como agente fundamental da aprendizagem, atuando não apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador, orientador e promotor de processos educativos transformadores.

Considerações finais

As transformações observadas no ensino superior contemporâneo evidenciam que a docência universitária atravessa um período de profundas reconfigurações, impulsionadas pela expansão da cultura digital, pelo avanço das tecnologias

educacionais e pela crescente incorporação da inteligência artificial aos processos de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, discutir os desafios da atuação docente deixa de representar apenas uma reflexão sobre metodologias educacionais e passa a constituir uma necessidade estratégica para compreensão do futuro da formação superior, da produção do conhecimento e do próprio papel social das universidades.

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu compreender que os modelos pedagógicos tradicionalmente centrados na transmissão unilateral de conteúdos apresentam limitações significativas diante das demandas contemporâneas. Embora tenham contribuído historicamente para consolidação da educação universitária, tais modelos mostram-se insuficientes para responder às exigências de uma sociedade marcada pela velocidade informacional, pela complexidade dos problemas sociais e pela necessidade crescente de formação crítica, autonomia intelectual e aprendizagem contínua.

Os resultados da discussão bibliográfica indicam que a crise das práticas pedagógicas tradicionais não decorre exclusivamente da presença das tecnologias digitais, mas da dificuldade de adaptação institucional e metodológica às novas formas de aprender, interagir e produzir conhecimento. A permanência de metodologias excessivamente expositivas, avaliações centradas na memorização e currículos pouco articulados à realidade social tende a limitar o protagonismo estudantil e enfraquecer a construção de aprendizagens significativas. Nesse sentido, confirmou-se a relevância da hipótese orientadora do estudo, segundo a qual a superação das limitações do ensino tradicional depende da adoção de práticas pedagógicas mais colaborativas, críticas e centradas no estudante.

Ao mesmo tempo, observou-se que a incorporação de metodologias ativas, abordagens interdisciplinares e modelos participativos de aprendizagem apresenta potencial para fortalecer competências essenciais ao contexto contemporâneo, como pensamento crítico, criatividade, resolução de problemas complexos, comunicação, autonomia e capacidade de adaptação. A valorização do estudante como sujeito ativo do processo educativo representa uma mudança paradigmática importante, deslocando a centralidade do ensino para a construção compartilhada do conhecimento.

Entretanto, os achados também demonstram que a inovação metodológica, por si só, não garante melhoria da qualidade educativa. A adoção de tecnologias digitais

ou ferramentas de inteligência artificial, desvinculada de intencionalidade pedagógica e reflexão ética, pode reproduzir práticas tradicionais sob novos formatos tecnológicos. Dessa forma, a inovação educacional necessita ser compreendida para além do uso instrumental da tecnologia, envolvendo revisão crítica de concepções pedagógicas, fortalecimento da formação docente e construção de ambientes educativos comprometidos com desenvolvimento humano integral.

A emergência da inteligência artificial representa, nesse cenário, um dos fenômenos mais significativos para a educação superior contemporânea. Os recursos baseados em IA ampliam possibilidades relacionadas à personalização da aprendizagem, apoio à produção acadêmica, automação de tarefas e acompanhamento do desempenho discente. Contudo, também introduzem desafios importantes vinculados à autoria intelectual, integridade acadêmica, ética, confiabilidade informacional e desenvolvimento da criticidade. Verificou-se que o debate não deve concentrar-se na substituição do professor pelas tecnologias, mas na redefinição de seu papel frente às novas dinâmicas do conhecimento.

Os referenciais analisados convergem para compreensão de que a atuação docente permanece indispensável, sobretudo em dimensões que envolvem mediação pedagógica, desenvolvimento socioemocional, sensibilidade ética, incentivo ao pensamento crítico e formação cidadã. A docência universitária tende, portanto, a assumir características cada vez mais relacionadas à orientação, facilitação da aprendizagem e construção de experiências educativas significativas, reafirmando o professor como agente central do processo formativo.

Observou-se ainda, a necessidade de fortalecimento da formação continuada docente, considerando a rapidez das transformações tecnológicas e sociais, torna-se insuficiente uma formação profissional restrita ao domínio do conteúdo disciplinar. A atuação contemporânea exige integração entre conhecimentos específicos, competências pedagógicas, letramento digital e capacidade de adaptação permanente. Assim, investir em políticas institucionais voltadas ao desenvolvimento profissional docente constitui condição essencial para consolidação de práticas educativas inovadoras e socialmente relevantes.

Torna-se necessário reconhecer que os desafios enfrentados pela docência universitária extrapolam responsabilidades individuais dos professores, envolvendo também questões estruturais relacionadas às instituições de ensino superior, políticas

educacionais, infraestrutura tecnológica, condições de trabalho e modelos de gestão acadêmica. A ressignificação da prática docente demanda mudanças organizacionais amplas e compromisso institucional com processos educativos mais democráticos, inclusivos e alinhados às demandas sociais contemporâneas.

Diante dessas reflexões, conclui-se que o futuro do ensino superior dependerá menos da simples incorporação de tecnologias e mais da capacidade de articular inovação, ética, humanização e compromisso crítico nos processos educativos. Em um cenário de abundância informacional e crescente automação, a formação universitária continuará exigindo professores capazes de estimular reflexão, autonomia, criatividade e responsabilidade social.

Espera-se que este estudo contribua para ampliação dos debates acerca da docência universitária contemporânea, oferecendo subsídios para novas investigações sobre formação docente, inovação pedagógica, inteligência artificial e transformação das práticas educativas no ensino superior. Sugere-se, como perspectiva para pesquisas futuras, o desenvolvimento de estudos empíricos que analisem experiências concretas de implementação de metodologias inovadoras e uso da inteligência artificial em contextos universitários, ampliando a compreensão sobre seus impactos reais na aprendizagem, na atuação docente e na qualidade da educação superior. Assim, reafirma-se que ressignificar a docência universitária não consiste apenas em adaptar-se às mudanças do presente, mas em construir possibilidades educativas capazes de responder criticamente aos desafios do futuro.

Referências bibliográficas

ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Educação remota emergencial**: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. EmRede, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 19. ed. Campinas: Papyrus, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HENNING, Maurício; SANTOS, Julius Diego De France; CUNHA, Cristiano J. Castro; SILVA, Solange Maria; SOUZA, João Artur. **Impactos da inteligência artificial na educação superior**: uma revisão da literatura. Universidade Federal de Santa Catarina, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/253863>. Acesso em: 15 mai. 2026.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

JACOCIUNAS, Tomás; VERSCHOORE, Jorge Renato; MONTICELLI, Jefferson Marlon. Transformação digital de instituições de ensino superior: um framework para tomada de decisão estratégica. **Revista Internacional de Educação Superior**, 2024.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2021.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2022.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2018.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda**. Porto Alegre: Penso, 2018.

NASCIMENTO, Janaína Rodrigues Reis; SILVA, Barbarah Conrado de Almeida; SILVA, Mariana Batista do Nascimento. Práticas inovadoras no ensino superior. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 9, 2023.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SANCINETTI, Giselle Patrícia; XAVIER, Amanda Rezende Costa. Gamificação como metodologia ativa de avaliação: relato de experiência no ensino superior. **Revista de Graduação USP**, São Paulo, v. 7, n. 1, 2023.

TOSTES, Raimundo Alberto; BELETI JUNIOR, Carlos Roberto. O uso da inteligência artificial no ensino superior e o aprofundamento da empresarialização da educação. **Revista Docência do Ensino Superior**, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br>. Acesso em: 15 maio 2026.

VIEGAS, Luis Eduardo. **Dilemas éticos da inteligência artificial para um ensino em metamorfose**. TECCOGS, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 15 maio 2026.

